

Só 30% dos doentes de Aids terão nova droga

Programa de distribuição gratuita de medicamentos prevê a oferta de inibidores de protease a pacientes infectados em situação clínica deteriorada

MARTHA SAN JUAN FRANÇA

Enviada especial

VANCOUVER — Terminada a 11ª Conferência Internacional Sobre Aids, médicos de mais de cem países que ouviram em Vancouver a notícia de que o tratamento de nove pacientes recém-infectados pelo HIV pode ter erradicado o vírus de seu organismo reagiram com cautela. "Apesar de os resultados preliminares serem promissores, ainda temos poucas evidências de que isso esteja de fato ocorrendo", disse o diretor do Instituto Nacional de Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, Anthony Fauci.

A orientação para os médicos é esperar ainda alguns meses até que os primeiros pacientes dos pesquisadores David Ho e Martin Markowitz, do Instituto de Pesquisas da Aids Aaron Diamond de Nova York, tenham parado de tomar remédio para começar a falar em mudança de tratamento.

"Não há dúvida de que o coquetel triplê de remédios anti-viróticos produz resultados animadores", observou o médico Marcos Caseiro, diretor do Centro de Referência em Aids de Santos, única cidade do Brasil que já usa a terapia com três tipos de remédios em seus pacientes. "Mas o tratamento está sendo aplicado somente em pacientes sintomáticos, com contagem acima de 10 mil vírus por milímetro cúbico de sangue e infecções oportunistas."

Caseiro explicou que a orientação do sino-americano David Ho de "bater forte e rápido no vírus" ainda precisa ser testada pelo tempo e por novos estudos. "Não se sabe ainda se os inibidores de protease induzem resistência", afirmou. "Eles podem funcionar durante um ano, depois perdem o efeito e então não teremos mais nada a oferecer aos pacientes." Em Santos, as novas drogas foram usadas apenas em 90 pacientes com a doença em estado avançado.

Combinação — Em março, 60 médicos brasileiros reuniram-se no Ministério da Saúde, em Brasília, para estabe-

lecer um consenso sobre o tratamento como orientação do Programa Nacional de Combate à Aids. Ficou estabelecido que a combinação dos inibidores de protease e duas drogas antigas (AZT, 3TC, ddC ou ddI) seria oferecido para pacientes com situação clínica muito deteriorada.

"Quando o programa de distribuição gratuita de medicamentos estiver disponível, 30% dos pacientes terão acesso aos novos inibidores de protease", disse a coordenadora do programa anti-Aids brasileiro, Lair Guerra de Macedo. "Eles não são necessários para quem se dá bem com os inibidores nucleosídeos, como o AZT."

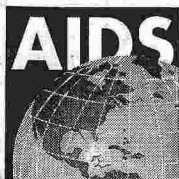
O diretor do Centro de Referência em Aids de Santos explicou também que, do ponto de vista clínico, é muito difícil "bater forte e rápido", como querem os pesquisadores Ho e Markowitz. Os dois especialistas de Nova York

conseguiram reunir 12 pacientes infectados menos de 90 dias antes de começar o tratamento. "A quase totalidade das pessoas só descobre que tem o vírus muito tempo depois da infecção, quando já apresenta sintomas da doença", disse Caseiro.

Dos pacientes americanos, três desistiram. Sobraram nove que apresentam quantidades de vírus não detectáveis pelos

métodos mais modernos existentes naquele país. Os cientistas usam marcadores existentes no sangue para determinar se a doença está progredindo. Trata-se da contagem da carga viral, ou seja, do material genético do HIV. Markowitz conseguiu medir até 25 cópias do HIV por milímetro cúbico no sangue de seus pacientes. Isso já é muito mais eficiente do que qualquer outro método disponível.

Mas, mesmo os pesquisadores americanos admitem que o vírus ainda pode estar no organismo de seus doentes. Por isso, Markowitz afirma que seu trabalho não significa a cura da Aids. "Embora tenhamos notícias encorajadoras, esses resultados não significam cura", insistiu em todas as suas palestras. "Ainda sabemos se o vírus vai voltar a se multiplicar nos pacientes que deixarem de tomar o remédio."



**REMÉDIO
É
USADO EM
SANTOS**



Robert Gallo: "Uma parte dos pacientes não aguenta os efeitos tóxicos das drogas, que também podem causar sérias doenças secundárias"

